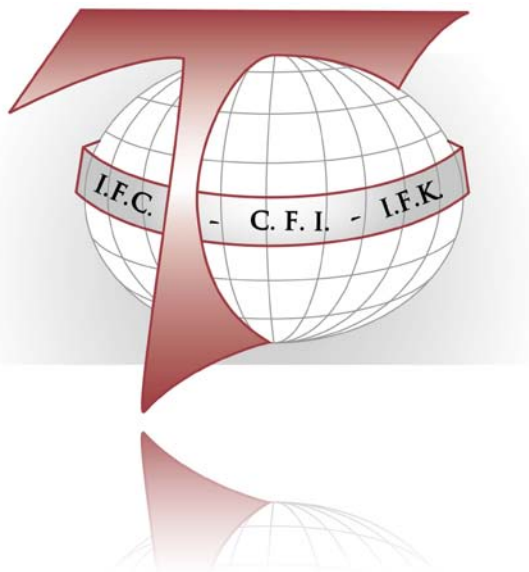


PROPOSITUM



Vida em Castidade

(Regla TOR, Cap 4)

Volume 14, Nr. 2

Outubro 2011

PROPOSITUM, um periódico da história e espiritualidade da Terceira Ordem Franciscana Regular, é publicado pelo Departamento “Espírito e Vida” da Conferência Franciscana Internacional dos Irmãos e das Irmãs da terceira Ordem regular de S. Francisco, Piazza del Risorgimento, 14 -00192- Roma, Itália.

A revista é publicada em Inglês, Francês, Alemão, Italiano e Espanhol. No Site da Web www.ifc-tor.org, é possível encontrar o Propositum em língua Portuguesa.

Propositum recebe seu nome e inspiração do “Franciscanum Vitae Propositum” a carta Apostólica de 8 de dezembro de 1982, na qual Sua Santidade o Papa João Paulo II aprovou e promulgou a Regra e Vida revisada dos Irmãos e das Irmãs da terceira Ordem Regular de S. Francisco.

Para informações sobre o periódico, por favor, escreva a:

secretaria@ifc-tor.org

Piazza del Resorgimento,14
00192 Roma, Itália

Tel. + 39.06.39723521

Fax: + 39.06.39760483

www.ifc-tor.org

Apresentação	2
<i>Fr. James Puglisi, AS – Presidente IFC-TOR</i>	
A Alegoria da Castidade nos Afrescos da Basílica Inferior de S. Francisco de Assis Breves notas iconográficas	6
<i>Dot. Loredanan Nepi</i>	
Castidade-Um claro testemunho do Amor de Deus	13
<i>Ir. Louise Hembrecht</i>	
Vivendo uma Vida em Castidade por Causa do Reino no século XXI	23
<i>Sr. Violet Grennan, MFIC</i>	
A virgindade consagrada numa sociedade e cultura oriental em contínua transformação: quais são os desafios para nós religiosos (as)	39
<i>Sr. Monica Kim</i>	
Como compreender o voto de castidade na cultura africana e como entendê-lo como desafio para os e as jovens de modo a tornarem-se uma presença inquietante no mundo atual.	48
<i>Ir. Basil Nzimande FSF</i>	

Apresentação

O terceiro tema do Propositum, nesta série sobre os Conselhos Evangélicos conta com o voto de castidade. Os colaboradores para este tema apresentam a compreensão da castidade a partir de diferentes contextos culturais. A intenção do conselho da CFI-TOR foi a de prosseguir com a compreensão da vivência da vida com votos, como uma presença inquietante na Igreja e no mundo. Talvez seja o conselho da Castidade o que melhor ilustra esta dimensão da vida religiosa.

Comentando sobre a representação da basílica inferior de S. Francisco, a Doutora Nepi chama nossa atenção às virtudes que encapsularam o ideal do voto de castidade: pureza e fortaleza, derivadas do batismo e que precisam ser preservadas, mesmo em se tratando de penitência. Nesta a compreensão Franciscana é a que ela une castidade com pobreza, renunciando a tudo, mesmo ao relacionamento exclusivo, para seguir a Cristo.

Talvez se deva observar que, as diferentes culturas, todas tiveram dificuldade ao assumir o valor da castidade e cada cultura já contava com ela em diferentes momentos e nuances. Há um conhecimento geral de que a castidade ou o celibato em contracultura aos valores da geração de vida é uma expectativa normal e óbvia para a sobrevivência da sociedade. Os artigos, nesta temática, todos apontam na direção de perceber que o valor evangélico da castidade é generativo de um modo mais profundo.

A Irmã Louise Hembrecht nota que, num contexto norte-americano, a Castidade é entendida

como permitir-se a prosseguir, mesmo diante da necessidade de ser amado. A proposta é de posicionar-se a si mesmo diante do amor a Deus e assim ser capaz de ir aos outros com gentileza, compaixão e amor.

A Irmã Violeta Grennan, após traçar o desenvolvimento do voto, no início da Idade Média e Fontes Franciscanas, fala sobre o dom que a sexualidade é para o ser humano. Para os Religiosos o uso deste dom é para render Glória a Deus ao responder ao chamado a um relacionamento mais profundo, mais íntimo e mais pessoal com Deus. Este relacionamento encontra expressão num modo de viver, que testemunha este relacionamento centrado em Deus e gastando a vida e prodigalizando a Deus e seu Reino mais plenamente aqui e agora.

Os dois artigos finais nos apresentam reflexões muito desafiadoras. Refletindo a de um ponto de vista de uma visão cultural asiática, a Irmã Mônica Kim afirma a compreensão contra-cultural do celibato, na cultura Coreana. Contudo, o valor da fraternidade é o lugar onde o amor fraterno cresce e é experienciado na vida e nos relacionamentos. Poderíamos dizer que a compreensão da castidade como do celibato é intimamente relacionada ao inter-relacionamento que deveriam ser uma parte essencial do tecido da sociedade na Ásia. O desafio para a vida Religiosa Franciscana deveria ser um lugar autêntico para a manifestação destes valores.

Finalmente, na reflexão de Irmã Basil Nzimande sobre a Castidade Consagrada, como um valor Evangélico, vemos o mesmo aspecto da castidade da contra- cultura na cultura africana. Ela afirma a necessidade de um estudo mais

aprofundado sobre o voto de Castidade sob o ponto de vista de uma articulação teológica. Isto oferece um desafio aos religiosos e religiosas ao tentar uma vida na fidelidade com o compromisso assumido ao professar este voto. Às vezes há sérias conseqüências de rejeição para os religiosos devido às falhas percebidas de passar a vida de um modo generativo. Uma consciência destas realidades é importante para a liderança. Os líderes devam ajudar no processo formativo providenciando suficientes estudos antropológicos e teológicos sobre a questão da sexualidade na vida religiosa.

A handwritten signature in black ink that reads "James F. Puglisi, SA". The signature is written in a cursive style with a large initial 'J' and a long, sweeping tail.

Fr. James F. Puglisi, SA
CFI-TOR Presidente



A Alegoria da Castidade nos Afrescos da Basílica Inferior de S. Francisco de Assis

Breves notas iconográficas

Dot. Loredanan Nepi

*Assis, Basílica inferior de S. Francisco, a ala transversal, do Mestre Giotto (O Mestre das Velas)
A Alegoria da Castidade 1315-1320
aproximadamente*

O afresco representando a alegoria da castidade ocupa a ala norte, cela do transepto na Basílica inferior de S. Francisco de Assis. O triunfo de S. Francisco e os votos franciscanos da obediência, Pobreza e Castidade são ilustrados através de alegorias complexas nas quatro celas do transepto. A data e a atribuição destes afrescos são objeto de um longo e temido debate, mas atualmente a opinião mais difundida as atribui às mãos do Mestre Giotto, denominado o mestre das velas (as celas da ala) datada em torno da segunda década de 1300 d.¹

As celas dedicadas aos votos apresentam uma unidade muito forte, tanto em estilo como na composição. Seu programa iconográfico não parece ter sido minimamente inspirado por modelos Contemporâneos, antes representa o fruto de uma reflexão original sobre os valores franciscanos, como é expresso na regra e nas

fontes bibliográficas do fundador da Ordem. As inscrições nas arcas que separam as celas do cruzamento do transepto das celas da nave ou da asa e a favor do transepto, a interpretação das alegorias, mas não furta uma explicação do detalhe de todos os elementos dos afrescos.²

A cela da alegoria da Castidade é dominada por um castelo, tendo paredes de contorno em forma de torre. A Castidade é representada por uma jovem, coberta por um manto branco em oração no interior de outra torre imbutida. Na torre desfralda uma bandeira branca afixada num suporte de um sino. Dois anjos suspensos no lado da janela da torre oferecem à castidade uma miniatura de uma palma benta e outro objeto que não está claramente identificável, geralmente interpretada como uma coroa.

Das paredes do castelo, no qual a Castidade se refugiou, Pureza (Munditia) e fortaleza (fortitudo) retornam através do centro da cena: um jovem nu está submerso num tubo, um anjo derrama água na cabeça e dois anjos ao lado esperam segurando em suas mãos o hábito de um frei. A pureza oferece ao jovem um lenço branco enquanto a fortaleza estende suas mãos como se estivesse esperando convidá-lo a subir ao castelo. Nas paredes do lado de fora, vários braços abanam com lenços e batem em torno da fortaleza

Na mão esquerda no canto da composição Francisco aceita a pobre Clara, um frade e uma pessoa leiga. Como nas demais celas o Santo é representado por um jovem sem barba e ferido pelos estigmas.³

No canto à direita a Penitência e três anjos mostram um visual do amor (Amor), Paixão, (Ardor) e Impureza (Imundícia). A penitência é representada como um frei com asas, de cabeça coberta e rodeado pelo halo hexagonal que indica as virtudes. A penitência apaga o amor com uma vara, um cupido loiro está enrolado, coroado de rosas, inclinado, e de ombros caídos. O aspecto delicado do jovem contrasta com seus pés rudes sobre uma ave de pano. Os três anjos levam a lança, um vaso e a cruz, os símbolos da paixão de Cristo porque de acordo com sua inscrição contra os inimigos a Castidade está protegida pelas feridas do Cristo sofredor. Eles se opuseram à paixão imaginada como um satiro da cabeça em chamas e à impureza representada pela cabeça de um touro selvagem. A morte, um esqueleto preto que abana um cartaz que participa nesta batalha.

Conforme mencionado anteriormente, para explorar a complexidade da Alegoria da Castidade na basílica Inferior em Assis, é interessante referir-se diretamente às fontes Franciscanas que, freqüentemente, utilizam uma linguagem com um

forte impacto visual, que pode facilmente ser traduzido em soluções iconográficas. Tomás de Celano ⁴ e Boaventura de Bagnoregio ⁵, quando se referem a este episódio no qual o Santo, perto de eremitério de Sarteano é tentado pelo demônio contra a Castidade. Ele se flagela com uma corda para expulsar a tentação, usando metáforas muito iluminadoras para a interpretação de o afresco ser examinado. Tomás introduz o episódio da vigilância de Francisco contra a tentação, “como uma experiência nesta batalha.” Boaventura, ao contrário, diz que “o Santo, como uma sentinela na torre de guarda, observa com rigorosa disciplina e extremo cuidado para guardar a pureza do corpo e do espírito”. A representação da Castidade, fechada na torre da guarita (uma função exaltada pela presença do sino), rodeados pelos guardas armados de lanças, por isso recorda aos membros da Ordem o dom da vigilância para serem fiéis ao voto de castidade como está prescrito na Regra, através da meditação sobre a vida de Francisco. A atitude poderosa da pessoa confinada recorda a importância da oração.

Também o detalhe do canto esquerdo, no qual uma Clarissa pobre, um frade e uma pessoa leiga se apresentam a Francisco, se refere às Fontes Franciscanas. Isto nos recorda da admissão de pessoas leigas casadas na Ordem, o que também é referido por Boaventura na Legenda Maior⁶, e à

instituição da Ordem dos Penitentes, aberta aos leigos de ambos os sexos, como lembra um verso do *Oficium rihythicum S. Francisci* de Guiliano de Espira.⁷ O rolo da Castidade no caminho da Salvação, também proposto por Francisco, a ser desposado, está claramente definido na *Vita Secunda*, de Tomás de Celano, no episódio da mulher de Volusiano, que inspirada por Francisco, propôs a seu esposo a “colocar a continência ou temperança como o fundamento na alma e então edifique nela as outras virtudes.”⁸

Como nas outras celas, a cena central deste espaço pictórico é ocupado pela representação simbólica do “rito de passagem”. Na cela da Obediência isto foi expresso conferindo a “canga”, na cela da Pobreza pelo enlace nupcial de Francisco com a Senhora Pobreza. Na cela da Castidade pelo “rito de passagem” e é representado pelas mãos de anjos, de um jovem submergido numa banheira semelhante a uma pia Batismal. A cena é muito densa, rica e significativa. O lavar pelo Batismo indica uma jornada de purificação e de renascimento espiritual, Suportado pelas virtudes de pureza (*Munditia*) e pela fortaleza (*fortitudo*). O gesto da figura simbólica da Fortaleza que convida o jovem a entrar no castelo, indica claramente que o caminho para a Castidade acontece através do exercício da virtude da fortaleza.

A nudez do jovem fortemente recorda o ato da renúncia, feita por Francisco, diante do Bispo de Assis e um dos valores emblemáticos e simbólicos para a Fraternidade: “nudus sequi Christum nudum.” A passagem através da nudez indica a quebra violenta de Francisco de sua família e dos laços sociais ⁹ e recorda uma das passagens do Evangelho que Francisco na Regra não aprovada (non bullata) coloca em relação aos votos: “se alguém quiser vir após mim e não odiar pai, mãe e filhos, os irmãos e as irmãs e mesmo sua própria vida, não pode ser meu discípulo”. ¹⁰

Dra. Loredana Nepi
Livraria Centro Pro Unione (Roma)

¹ A. Tomei. “ A decoração da Basílica de São Francisco de Assis como metáfora da questão gíotesca”, (A decoração da Basílica de S. Francisco é uma metáfora da questão de Giotto ” –*ImaemoRomana [in linea]* 22 de Fevereiro 22, 2009. [http://www.imagoromae.com/public/ftp/fotoDiServizio/files/Giotto/Saggio-Alessandro-Tomei .pdf](http://www.imagoromae.com/public/ftp/fotoDiServizio/files/Giotto/Saggio-Alessandro-Tomei.pdf). Consultado no dia 5 de novembro de 2010.

² A inscrição relativa à alegoria da castidade relata: “[e Castitati oranti pro victoria corone datur capital / ad hanc querens attingere honestate se tegat; loco datur pertingere si Fortitudo protegat/ dum castitas protegatur pro virtuosa munera; nam contra hostes legitur per passi Christi vulnera. / Defendit penitentia castigando se crebrius, mortis remiscencia dum mentem pulsat sepius / fratres surures advocat et continentes coniuges cunctos ad eam provocat Franciscus.” [...] Para obter a vitória da castidade, o anjo reza, dando o véu como coroa; àquele que procura atingí-la o faz com sinceridade, e lhe é concedida somente se a fortaleza

o proteger porque a Castidade é defendida com dádivas de virtude; na verdade , contra os inimigos e é protegido pelas feridas do Cristo sofredor. A Penitência defende-se porque o pensamento da morte vem à mente de Francisco, que recorda aos irmãos e irmãs disto e o propõem a todos os casais que praticam a continência.” Cfr. Giorgio Bonsati, edição A Basílica de S. Francisco de Assis. *Mirabilia Italiae* 11, Modena: Panini, 2002, pp. 396-397.

³ O laço ou o elo entre o estigma e a aprovação da Regra é ilustrado por Boaventura de Bagnoregio na *Legenda Maior* d , Capítu-10.

⁴ Tomás de Celano “*Vita secunda sancti Francisci*, Capítulo LXXXII, 116.

⁵ Boaventura de Bagnoregio, *Legenda maior*, Capítulo V, 3.

⁶ Boaventura de Bagnoregio, *Legenda maior*, Capítulo IV, 6: “ Esta nova ordem admitia todos os cléricos e pessoas leigas de ambos os sexos que eram virgens , e também os casados porque o caminho da penitência é comum a todos os que desejam entrar no céu.”

⁷ Giuliano da Espira, *Officium rhythmicum S. Francisci*, *Ad Laudes Antiphonae* 18, 3: “*Tres Ordines hic ordinat: /Primumque Fratrum nominat/Minorum, pauperumque/Fit Dominarum medius/Sed Poenitentum tertius/Sexum capit utrumque.*”

⁸ Tomás de Celano. *Vita secunda sancti Francisci*, Capítulo IX, 38.

⁹ Dominique Donadieu-Rigaut, *Pensa rem imagens as Ordens religiosas: Século XII – XV*. Paris : argumentos, 2005, p. 121.

¹⁰ *Regra não bulada*, Capítulo I, 4

Castidade-Um claro testemunho do Amor de Deus

Ir. Louise Hembrecht

A palavra “pobre e pobreza,” “obediente e obediência” são encontradas através dos escritos de S. Francisco. A palavra “castidade” raramente é usada. Ela é usada na Regra: “A Regra e a vida destes irmãos é esta, isto é:” viver em obediência, em castidade e sem nada de próprio .¹” na Regra posterior, S. Francisco estabelece que, “A Regra e Vida dos Irmãos é esta: Observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada de próprio e em Castidade.”

Além disso, podem-se ler os escritos de S. Francisco e encontrar diversas referências sobre o que significa ser obediente e pobre. No caso da Castidade não é assim. A não ser que se considere o capítulo XII: “Brilho Impuro!” E freqüente associação com mulheres; Capítulo XIII: “Evitar a Fornicação” Da primitiva Regra e capítulo XI da regra posterior:” Os Irmãos não devem entrar nos Monastérios das Monjas” o que significa viver em castidade. Leituras posteriores dos escritos de S. Francisco e da Vida de S. Francisco indicam que , enquanto estas forem prescrições canônicas daqueles tempos, não descrevem a visão de Francisco a respeito da castidade.

Na segunda versão da Carta aos Crentes, após falar sobre a Instituição do Santíssimo Sacramento e da Paixão, Francisco escreve: “E ele deseja que todos nós sejamos salvos através dele com o nosso coração puro e nosso corpo casto:”² Importa que um coração puro preceda um corpo casto.

A única outra ocasião em que a palavra “casto” é usada é no *Cântico das Criaturas*. S. Francisco reza: “Louvados sejam, meu Senhor, pela irmã água, que é muito valiosa e humilde e casta”³

Poderia parecer estranho usar a palavra “casto” para descrever a água a não ser que se considerem algumas das qualidades da água: pureza, transparência e o fato de a água dar vida. A palavra pureza ocorre diversas vezes nos escritos de S. Francisco. Em geral se refere a um “coração puro e mente pura.”⁴ e é usada no contexto de um coração indiviso e unicidade da mente e do coração.

Transparência ou clareza é outra qualidade da água ambas são necessárias se a castidade for o significado e é hábil a dar vida. Em ambas as versões da Carta aos Crentes S. Francisco escreve: “Somos mães quando o levamos em nosso coração e corpo através de um amor divino e consciência pura e sincera e o fazemos nascer

através de obras Santas que deverá brilhar como exemplo perante outros. exemplo.”⁵

O que isto significa na América do Norte, no século XXI, viver em castidade? O que significa para uma congregação do leste, consciente, fundada nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX cujo ministério vai até o Centro-Oeste, mas se encontra dentro dos Estados Unidos? Como esta comunidade Franciscana da Caridade Cristã vive uma vida de Castidade de modo a ser uma presença inquietante no mundo de hoje? Como podem contraculturas ser uma presença inquietante, vivendo uma vida de caridade, testemunhar uma vida de castidade de tal modo a ser uma presença inquietante no mundo de, e um convite na Cultura moderna?

Certamente a compreensão tradicional sobre pureza continua a ser entendida pelo voto de Castidade na América do Norte, no século XXI. Mas talvez a idéia um coração indiviso é até mesmo mais o foco sobre o que Francisco tentou expressar e o que devemos vivenciar no mundo de hoje. A carta aos fiéis acrescenta a dimensão do amor Divino e ações santas.

No capítulo IV da regra da Terceira Ordem, lemos: “Professando a Castidade para o seguimento do reino dos céus, eles deverão cuidar

das coisas do Senhor e eles nada mais terão a fazer a não ser seguir sua santa vontade e agradecer-lhe em tudo. Em todos os seus trabalhos e amor a Deus deverá iluminar suas vidas.” As Constituições das Irmãs Franciscanas da Caridade Cristã o consideram da seguinte forma:” Nós que somos chamadas pelo Espírito Santo a professar voto de Castidade, voluntariamente para o seguimento do Reino, deveríamos estimá-la como um dom especial da graça. ”⁶

“Pelo seguimento do Reino” – O que significa isto? Bem, o “Reino” é o reino de Deus onde o amor de Deus e as regras do amor ao próximo, onde estivermos em relacionamentos com Deus e uns com os outros. O significado disto, hoje, neste tempo e também o testemunho a vida de todos nós após esta vida terrena.

Através de nosso voto de castidade nos movemos para dentro de um relacionamento conventual com Deus. Deus nos consagra para uma vida de amor individual. Dizemos: “Só Tu” ao Senhor. A pessoa casada tem um esposo para “só tu”: Nosso “Só Tu” é centrado no Senhor. Somos chamadas “Esposas de Cristo”

O documento *Vita Consecrata* descreve, “Vivendo a castidade com alegria é um testemunho do poder do amor de Deus, manifestado nas

fraquezas da condição humana.”⁷ Em outras palavras, este é um dom excepcional da graça. Ela vem do amor derramado em nossos corações através do Espírito Santo. É uma vivência mais profunda de nossa consagração batismal. Como vida religiosa é a escolha que unifica nossa vida com Deus. Para amar muito proximamente. É um processo que dura a vida toda num crescente em amor sempre mais intenso.

Se focarmos na palavra “caridade” como “ágape, isto é amando como Cristo ama ,amando como Deus ama entendemos que a castidade / caridade é um amor total a Deus e pelo próximo. Não há amor genuína a Deus que não é também abertura ao amor ao próximo. Na missa do Jubileu da Diocese em Green Bay, em maio as jubilares estavam envoltas nesta pergunta: “Você continua a amar e a acolher em seu coração a Jesus como o centro e a todos os caminham com você em sua jornada?”

Nossa vida de profissão tem a capacidade de configurar-nos com a pessoa de Jesus Cristo. Ele é tudo o que tem a ver com Castidade. A sagrada escritura nos chama a por-nos na mente de Cristo “Isto é: ver a vida religiosa com sua mente. O voto de castidade nos habilita a isto através da oração, meditação e Escritura Sagrada, celebração dos Sacramentos, retiros, a prática da

autodisciplina, testemunhando o exemplo dos outros, etc. É um processo que dura a vida inteira.

Por-se na mente de Cristo se torna real de um modo em nossos relacionamentos. É assim que palavras são transformadas em atitudes e ações. Em *Vita Consecrata* 22 lemos: a vida Consagrada “constitui um memorial vivo do modo de Jesus de viver e agir como a Palavra Encarnada em relação ao Pai e em relação com nossos irmãos e irmãs.”⁸

Toda a vida de S. Francisco era isto. Ele não escreveu muito sobre a Castidade, mas o testemunho de sua vida nos dá um exemplo, um modo de viver a Castidade no século XXI bem como em tempos anteriores e no futuro. É um modo claro e transparente de viver uma vida Casta, mas não sem luta.

Através de sua vida, Francisco se imbuíu de uma vida de contemplação nas cavernas de Assis. Conduzido nesta direção ele parecia estar ciente que a vida do “Só Tu” a qual Deus o chamava incluía todos e tudo o que Deus tinha criado. Seu incondicional amor a Deus expressou-se em suas pregações do Evangelho, no seu serviço aos leprosos seu respeito e reverência para com todas as pessoas e por toda a criação.

De tempos em tempos Francisco necessitava de outros que lhe diziam que era isto o que Deus lhe pedia. Ele consultava seus irmãos, Silvestre, Clara, e outros pedindo-lhes se Deus queria que ele pregasse ou contemplasse nas cavernas. Para Francisco um testemunho claro de que a vida em comunidade, uma vida de castidade era uma vida de dependência e interdependência de seus irmãos.

Esta tensão é tão ativa no século XXI quanto era no tempo de S. Francisco. As Constituições das Irmãs Franciscanas da Caridade Cristã o expressam da seguinte forma: “Por nossa vida em castidade damo-nos totalmente a Deus. Ele nos consagra para um amor indiviso e nos imerge mais completamente nele mesmo. Este amor preferencial pelo Senhor nos torna comprometidas de amarmos outras como Cristo ama, vivendo com elas no Coração de Cristo e servindo-lhes em seu nome.”⁹

A Castidade se torna tão real em nossa vida como o foi no tempo de S. Francisco através da contemplação, estejamos inseridas ou não num estilo de vida contemplativo e vida em comum. A contemplação nos mantém no amor de Deus por nós e por tudo o que Ele criou. Ela mantém viva o anseio de nossos corações e não nos permite entregar-nos senão a Ele. Parece que é através da

contemplação que a exclusividade do “Tu somente” da castidade não exclui ninguém. Antes ela é abrasadora.

As Constituições das Irmãs Franciscanas da caridade Cristã também enfatizam uma vida pelas necessidades de uma vida comum e uma vida afetiva equilibrada. O “através de uma vida de Castidade apoiada, vivenciarmos uma vida em comum num espírito de caridade. Produzimos amor e cuidado umas pelas outras criando uma atmosfera de respeito , paz, companheirismo e serviço” “ Porque prezamos a dádiva da Castidade , desenvolvemos uma vida digna e equilibrada. Abraçamos diariamente a auto-renúncia, a vigilância, e a mortificação do essencial para uma grande intimidade com Deus e por uma amor mais profundo e respeitoso a nós mesmas e às outras.¹⁰

Há somente duas simples prescrições no diretório das Irmãs Franciscanas da Caridade Cristã na seção sobre a Castidade. 2.6 “Devemos ser bem instruídas nos valores positivos da castidade manifestadas na oferta total de nós mesmas a Deus.” E 2.7” Sempre devemos dar testemunho de agir de um modo como agem mulheres consagradas a Deus. Somos prudentes ao julgar as relações e em nossas escolhas de ler, e atividades de lazer e entretenimento.”

Em síntese: A castidade nos permite expandir nossos corações para incluir todos aqueles que são amados por Deus. Ela nos permite avançar conosco mesmas, mesmo pela nossa necessidade de ser amadas de modo que possamos posicionar-nos no amor a Deus e chegar às outras com gentileza, compaixão e amor. Vivendo desta forma descobrimos e experienciamos o quanto somos amadas. Esta é a essência da castidade que encontramos na vida de S. Francisco. É esta essência da castidade que o mundo necessita ver em nossas vidas, hoje.

Irmã Louise Hembrecht é membro das Irmãs Franciscanas da caridade Cristã, Manitowoc, Wisconsin. Atualmente serve a suas Irmãs como Ministra da Comunidade

¹ Veja a Regra primitiva, I, 1. Notas de rodapé c no volume I dos Santos I de *Francisco def Assis: Primeiros Documentos*. Editados por Regis J. Armstrong, O.F.M. Cap.; J. A. Wayne Hellmann, O.F.M. Conventuais.; e William J. Short, O.F.M. New York: New City Press. Todas as edições dos escritos de S. Francisco são do Volume I dos Santos I de *Francisco de Assis: Documentos primitivos*.

² “ Posterior Admoestações e Exortações aos Irmãos e Irmãs da Penitência,” 14.

³ O Cântico das Criaturas, 7.

⁴ Veja a segunda carta aos fiéis , 19 ou 45 a carta a Toda a Ordem , 43 ou a Regra Posterior 10, 9 ou 17, 15 como alguns exemplos das necessidades para um coração puro e mente pura.

⁵ Veja a primeira versão da Carta aos Fiéis , 10 e a segunda versão da Carta aos Fiéis , 53.

⁶ Irmãs Franciscanas da caridade Cristã, Manitowoc, Wisconsin, *Constituições II*, C..

⁷ *Vita Consecrata*, 88.

⁸ Esta seção inteira da Referência da Regra da Terceira Ordem foi alcançada das idéias partilhadas por Irmã Patrícia Linssen no encontro da comunidade das Irmãs Franciscanas da caridade Cristã em , July 15, 16, 2011. Muitas vezes os extratos exatos de Irmã Patrícia foram usadas , porém não sempre.

⁹ Irmãs Franciscanas da Caridade Cristã , Manitowoc, Wisconsin, *Constituições II*, D

¹⁰ Irmãs Franciscanas da Caridade Cristã , Manitowoc, Wisconsin, *Constituições II*, 7 and 8.

Vivendo uma Vida em Castidade por Causa do Reino no século XXI

Sr. Violet Grennan, MFIC

Introdução

Estas reflexões sobre o voto de castidade estão baseadas no capítulo IV da Regra e Vida dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular de S. Francisco, “A vida em castidade por causa do reino.” Não escrevo nem como teólogo ou educador franciscano, mas como alguém que está atento a viver reflexiva e apaixonadamente nossa Regra e Vida. Trabalhei nacional e internacionalmente por mais de três décadas com religiosos, homens e mulheres em assuntos relacionados à formação inicial e contínua e especialmente em desenvolvimento humano/formação espiritual e Vida Religiosa.

Primeiramente, alguns breves comentários preliminares sobre o desenvolvimento dos três votos de pobreza, castidade e obediência no contexto mais amplo da Vida religiosa e, em particular, na tradição Franciscana. Segundo, estes comentários serão seguidos de por breves reflexões gerais da tradição e reflexões sobre os votos. Em terceiro lugar, uma reflexão específica sobre o capítulo IV de nossa TOR: A Vida de Castidade por causa do Reino.

Comentários Preliminares

A identificação com a vida religiosa através dos três votos de pobreza, castidade e obediência, não ocorreu até o início do século XIII. Até aquele tempo, se fazia voto de obediência, por exemplo, como Beditino ou Agostiniano, vivendo de acordo com a Regra. Mulheres e homens entravam para responder a um chamado de Deus e viver plenamente o Evangelho, viver para Deus em todas as dimensões e a qualquer momento de sua vida. Para viver em pobreza, castidade e obediência os compromissos eram assumidos por alguém para ser incluído no comprometimento como religioso ou religiosa a seguir o exemplo de Jesus ou de viver segundo uma regra. No tempo de Francisco e Clara de Assis, O Papa Inocêncio III identificou o comprometimento religioso com os três votos tradicionais no contexto de novos grupos de religiosos, seguindo sua aprovação seguindo um estilo de vida, no início do século XIII. Até aí, quanto sabemos, a primeira expressão explícita dos três votos era na Regra dos Trinitários que Inocêncio III aprovou no início do século XIII.

Era a cúria Romana, e não Francisco quem insistiu na inclusão dos três votos no primeiro capítulo da regra posterior como: Obediência sem nada de próprio, e em Castidade (LR1223) Este é o único lugar nos escritos de Francisco onde os votos em sua formulação canônica são mencionados.

Comentando sobre isso, Joseph Chinnici sugeriu que Francisco tenha demonstrado mais interessado no suporte da formulação, como resumem as dimensões da transformação humana. Em síntese, como os votos devem realmente ser interpretados em seu significado antropológico (Chinnici, p.521)

Os escritos de Francisco

Enquanto a Regra primitiva (RP 1) indica que os Irmãos “viverão em obediência, em castidade e sem nada de próprio,” na Regra de 1221 (RP XII, XIII) e 1223 (LR XI) Francisco fala sobre a castidade somente indiretamente. No capítulo XVI, a referência indireta diz: “Bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus”. Uma referência indireta posterior ocorre em sua carta a toda Ordem, “ Também peço a todos os irmãos, no Senhor os que são sacerdotes... que sempre que desejarem celebrar a missa, que sejam puros. Eles oferecem o verdadeiro sacrifício do santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, com pureza e reverência, com intenção santa e sem mescla...”(LTOrd 14) referências neste excertos nos Escritos de Francisco para aqueles que “são puros de coração” e aos que celebram com “ pureza e reverência e com intenção sem mescla,”também pode ser entendido como sugestão, que falem e vivam com integridade e transparência.

Em Francisco, a palavra “Casto ou casta” somente aparece em poucos lugares e não em referências diretas a um voto de castidade. Na segunda versão na carta aos crentes lemos: “E Ele deseja que sejamos salvos através dele e o recebamos de coração puro e corpo casto.” (2C aos Fiéis 14) No capítulo IX da Regra posterior, Francisco fala sobre como os Irmãos deveriam pregar. “... Eu admoesto e exorto aqueles irmãos que, quando pregam sua linguagem deverá ser bem considerada e casta para o bem e a edificação do povo...” (Carta primitiva IX3) Esta referência indireta oferece uma boa interpretação do significado da palavra “casto ou casta” para Francisco. Os irmãos deverão pregar com integridade e transparência. Temos aqui o que novamente, Francisco enfatizou: sua vida e a vida dos seus primeiros seguidores, os quais desejavam seguir literalmente nas pegadas do Senhor Jesus como lembra o Evangelho, sejam caracterizados em palavras e fatos, quando se moviam entre as pessoas nas vilas, cidades e povoados, pregando a mensagem do Evangelho da paz, perdão e reconciliação. Linguagem bem considerada e casta, terá implicitamente significado de que esta mesma integridade e transparência caracterizariam suas habilidades de relacionamento com o mundo de Deus e o povo de Deus.

Tradição e Reflexão em Turno

Tradicionalmente uma teologia dos três votos clássicos, castidade e obediência tinham o foco na renúncia e a capacidade dos votos a direcionar as energias pessoais de alguém a Deus. Especificamente, à luz destas reflexões sobre o celibato casto, e antes entendendo a ênfase, como renúncia que significava: não casar; não ter esposa; não se engajar em ação genital de sexualidade de alguém e em ter maior liberdade de tempo e energia para o ministério.

Num turno contemporâneo, com a perspectiva da teologia destes três votos pode ser melhor entendido quando situados no contexto da vida religiosa. Uma assunção que subjaz à compreensão de Vida religiosa e de vida Franciscana é que esta vida somente pode ser entendida na missão da Igreja. Neste turno somente poderá ser entendida corretamente como missão Divina. (*Missio Dei*), como a missão de Jesus. Esta missão de trazer o Reino de Deus de paz, justiça que nossa vida franciscana professa. Neste turno, a perspectiva dos votos de pobreza, castidade e obediência aponta para três dimensões maiores da vida humana: posse, ação e poder, e em três áreas maiores na interação humana-economia, vida social e política- que estruturam o mundo global e complexo no qual vivemos. Esta compreensão ilumina a interconectividade do

mundo - um mundo criado por Deus que Ele viu que era bom, cuja comunhão original ele testemunhou e aqueles laços quebrados e a eventual comunhão renovada, também são testemunhadas.

Como aqueles que desejam e professam seguir as pegadas de Jesus, vivenciando nossa Regra e Vida, somos chamados a assumir uma significativa atitude de transformação das estruturas do mundo, primeiramente pelo testemunho profético, individual e comunitário de nossas vidas, e através de uma crítica iluminada contra as injustas estruturas e práticas em nossas perspectivas nas áreas geográficas da vida e missão. De fato, os desafios de responder em **palavras e ações** nos chamam- tanto novos membros como aqueles que vivem nesta vida, por décadas- a seguir nas pegadas de Jesus e Francisco e se tornando uma presença inquietante no mundo de hoje. O custo do discipulado não será pequeno; requerirá fé profunda, grande paz interior e disponibilidade radical para responder ao chamado Divino do seguimento da Igreja e do mundo.

A Vida em Castidade por causa do Reino

A interpretação contemporânea e vida experienciada dos votos de Castidade para trazer o Reino de Deus mais plenamente ao aqui e agora, nada mais é que renúncia ao mundo criado por

Deus. Nossa tradição Franciscana nota: “ Este mundo é verdadeiramente criado à imagem e semelhança de Deus e tudo o que vem do Criador é bom.” (TOR, capítulo III, 10) O que deve ser renunciado são aquelas dimensões de vida que direcionam seus fundamentos de auto-satisfação, sua orientação em direção a satisfação da criação por toda a sua efetiva liberdade nos relacionamentos, seu pleno amor a si mesmo, a Deus e ao próximo. A vida de castidade experienciada e vivida pelo Reino, também requer amor a si mesmo e preocupação por si próprio (Chinnici, p.525).

Como religiosos professos e religiosas professoras experimentamos simultaneamente um duplo movimento: uma renúncia à família, domínio, e uma afirmação dos poderes do amor, usando e servindo, isto é, **sendo humanos para outros** (Chinnici, p.526). Esta jornada de vida, que é uma conversão contínua, e se realiza andando nas pegadas do Senhor Jesus, permanecendo fundamentados em Deus com quem estivemos ansiosos e engajando o mundo plenamente em nosso tempo como Jesus fez em seu tempo.

As experiências formativas na família do passado bem como os ensinamentos culturais e eclesiais ordinariamente tiveram uma larga influência, e às vezes negativa, a respeito da

compreensão e da vivência existencial sobre a sexualidade humana. Como alguém nascido na Irlanda, educado e que entrou na vida religiosa dando todos os primeiros passos da formação inicial naquele país, posso atestar que, de um lado, poucas coisas foram ditas, seja positiva ou negativamente, tanto em casa, na escola, igreja ou noviciado, sobre a sexualidade humana como energia relacional positiva- sem mencioná-la como um dom de Deus. Por outro lado, trabalhando com religiosas e religiosos de diferentes partes do mundo, sobre tópicos relacionados ao desenvolvimento humano e espiritual, percebi que minha experiência na Irlanda não era única.

Tais influências formativas, expressas ou não, são observadas e experienciadas em habilidades familiares de relacionamentos, através de expressões emocionais (alegria, tristeza, jeitos de lidar com conflitos...), em diferentes padrões para homens e mulheres, em mensagens positivas ou negativas sobre a sexualidade. Isto poderá manter alguma influência contínua de como alguém compreende e vive a vida dos votos, e sob esta instância particular, o voto do celibato, ou seja, da castidade. Estas influências formativas se expressarão aparentemente, seja em comunidades mono-culturais ou interculturais e poderão necessitar de formação e educação contínuas, à luz

da vivência de nossa Regra e Vida e nos chamar a viver- e abraçar aquilo que escolhemos livremente.

Viver o voto de castidade em celibato, com certeza não significa renunciar á nossa sexualidade. Inerente à tradição Católica, o ensino sobre a sexualidade humana oferece quatro convicções: 1) A sexualidade é **um dom de Deus**, partilhada por todas as pessoas, independente de seu estado de vida; 2) É uma **dimensão essencial da pessoa humana** - um componente fundamental da personalidade através da qual, mulheres e homens fazem a experiência relacional do eu mesmo, dos outros, do mundo e de Deus. 3) Ela reconhece a **dignidade recebida de Deus** de cada pessoa humana que foi criada à imagem e semelhança de Deus e sempre precisa levar em conta a dignidade da pessoa humana e a qualidade do relacionamento. 4) É **realizada em comunhão com os outros**, uma vez que somos seres sociais e mais plenamente humanos, quando estamos em relação com outros; sua dimensão relacional é mais plenamente realizada quando respondemos ao nosso chamado para sermos co-criadores com Deus e partilhamos no poder de Deus **em favor da** criação e não simplesmente acima da criação.

Estas quatro convicções dos ensinamentos da tradição católica sobre a sexualidade humana

estão radicados no capítulo IV da nossa TOR, A Vida em Castidade por causa do Reino:

*Os Irmãos e as Irmãs tenham em mente **quão grande a dignidade** que do Senhor Deus receberam porque ele os criou e formou em sua imagem e a semelhança de seu amado filho de acordo com a carne e em sua própria semelhança de acordo com o Espírito (Art.14). Desde que eles foram criados através de Cristo e em Cristo, eles **escolheram** esta forma de vida fundada nas **palavras e ações** do Redentor (Art.14)*

*Professando a castidade pelo seguimento do Reino dos céus, eles devem cuidar das coisas do Senhor e eles não tem nada mais a fazer exceto seguir a vontade do Senhor e de lhe agradar. Em todos os seus trabalhos o amor a **Deus e a todas as pessoas** deve brilhar e se irradiar a todos. (Art.15)*

*Eles deverão recordar que foram **chamados por um dom especial da graça** para manifestar em suas vidas este mistério maravilhoso através do qual a Igreja se une a Cristo, sua esposa. (Art. 16)*

O comentário sobre o artigo 16 de nossa Regra e Vida nos recorda que podemos esperar

confiantemente a graça de uma profunda união pessoal com o Senhor.

A experiência de alguém de ser amado e chamado por Deus através deste dom da graça e da livre escolha a professar a castidade para o seguimento do reino de Deus conduzirá irrevogavelmente a um relacionamento apaixonante com Deus e com toda a sua criação. Amando a Deus e sua criação, ninguém está excluído porque "... todos foram criados à imagem do amado filho de Deus e em sua semelhança de acordo com o Espírito..." (Art.14) O comentário sobre este artigo do capítulo IV de Nossa Regra e Vida, atesta que nosso voto de castidade não é um aspecto privatizado da vocação religiosa, mas nos empodera como irmãos e irmãs a testemunhar o primado de Deus, de modos práticos e visíveis, especialmente a caridade para com o nosso próximo (p.30)

A Vida em Castidade por Causa do Reino: Vocação e Escolha

Sandra Schneiders, IHM escrevendo sobre o celibato consagrado nota: "é escolha livre e uma resposta a uma vocação pessoalmente discernida... **uma dádiva livre um chamado de Deus** (minha ênfase) que não pode ser imposto, nem adquirido pelo próprio esforço de alguém ou conferido por uma autoridade. Alguém que experiencia este

chamado necessita discernir cuidadosamente a realidade dele e sua **capacidade** e desejo de responder. Então se pode **escolher livremente** abraçando esta vida. O celibato consagrado está no centro do coração da vida religiosa (AS p.125) Schneiders nota além, o celibato consagrado não se refere ao que a pessoa faz com sua sexualidade... É a respeito de quem e como alguém escolhe para amar. (AS p.127) Ela mantém a idéia de que o celibato é constituição da vida através do voto público pelo qual o religioso, a religiosa se dá a si mesmo totalmente, irreversivelmente e perpetuamente a Jesus Cristo excluindo, como prioridade, todos os demais comprometimentos (AS p.124).

Clara de Assis, em seu Testamento, partilhou rapidamente com suas Irmãs e com os Frades, pouco antes de sua morte, referindo-se a sua forma de vida como “nossa vocação e escolha” (test. Vs.16). No coração desta vocação e escolha está a experiência de ser chamado ou chamada e agarrado por um Deus apaixonado. Ao escolher responder a este chamado nós, através de escolhas consecutivas que fazemos durante toda a vida, somos sustentadas e nutridas por um relacionamento saudável, oração regular, reflexão pessoal e experiências de disciplina, de solidão e contemplação do amor magnânimo de Deus por nós e pelo mundo de Deus. Abraçando a castidade

celibatária me diz, a mim e a outros que eu não posso partilhar-me totalmente com outra pessoa por causa da minha experiência de Deus. Isto implica uma experiência pessoal e íntima de Deus, um companheirismo pessoal partilhado na comunidade religiosa com outros ou outras que também escolheram responder ao chamado. Escolhendo a Deus, escolhemos uns aos outros. Cada irmão e cada irmã é uma dádiva de Deus. Em relacionamento comunitário através de experiências partilhadas de alegria e esperança, de ferimentos e cura, perdão e reconciliação, testemunhamos ao mundo uma comunidade restaurada.

Então nossa vida se resume em testemunhar através de um jeito de ser em relacionamento com o eu mesmo, os outros, Deus e o mundo de Deus de que o Reino de Deus está aqui e ainda não. A experiência vivida é ser testemunha de comunhão restaurada a um mundo onde algumas relações em qualquer nível- de comunidade, família, sociedade, política, igreja- estão fraturadas ou quebradas. Além do mais, deverá ser um sinal na Igreja sobre a reconstituição da comunidade humana em nosso mundo fraturado. Em última instância é a respeito da missão de Deus no meio de nós - a criação contínua e a restauração da comunhão. A vida Religiosa em geral em nossa vida como Franciscanas e

Franciscanos, em particular deve ser fundamentalmente sobre a comunhão e a missão de Jesus, que é a missão da Igreja.

O desafio e convite são de viver a castidade celibatária apaixonadamente por causa de nossa Igreja e nosso mundo, não por causa de uma realidade do dia em que professamos os primeiros votos ou os votos solenes. Antes a experiência me diz que é uma jornada de integração que dura a vida toda, de valor, escolhas baseadas consistentes com nossa escolha inicial de conversão contínua, oração regular, reflexão pessoal e fidelidade ao nosso testamento com Deus.

Quando engajarmos a experiência de vida destes relacionamentos, no contexto de todos os dias, experienciaremos indubitavelmente nossa necessidade de contínua conversão ao voltarmos continuamente a Deus e aos outros. Esta conversão contínua nos chama à consciência de Deus na criação, nas escrituras e particularmente nas palavras, vida e obras, e ensinamentos de nosso Senhor Jesus Cristo, de uns aos outros. Em experiências de luta com nossos próprios limites, humanos carnis e nossos relacionamentos com Deus e com todas as pessoas (TOR cap. IV Art. 15) chegaremos face a face, com humildade, pobreza pessoal de espírito e profundo desejo da compaixão incondicional de Deus e de seu amor

em nossas vidas. Com esperança, de que, através destas experiências cresceremos em consciência de nossa própria vulnerabilidade e fragilidade (minorismo); chegamos a reconhecer que todos nós somos e temos é dádiva do Deus magnânimo (pobreza); e mais ainda nos aprofundaremos na contemplação de nosso Deus na pessoa de Jesus Cristo que veio entre nós, como um ser humano vulnerável e carnal (contemplação).

Conclusão

Ao projetar estas reflexões sobre a *Vida em Castidade por causa do Reino*, para uma conclusão devemos lembrar mais uma vez que, nosso Deus nos chamou através de uma dádiva especial da graça e nós escolhemos livremente esta forma de vida que encontra seu cerne, dando sentido ao chamado a uma intimidade mais profundo e pessoal no relacionamento com Deus, e que este relacionamento encontra expressão de uma maneira de viver que dá testemunho deste relacionamento centrado em Deus e se gasta a si mesmo suntuosamente trazendo o reino de Deus mais plenamente no aqui e agora. As palavras de Francisco na carta a toda a ordem possam fortalecer estes pontos finais e ser uma fonte de inspiração ao continuarmos a seguir nas pegadas do Senhor Jesus pela vida da Igreja e do mundo. Francisco convida os irmãos a:

Olhar para a humildade de Deus, e derramar os corações diante dele! Humilhar-se para sermos exaltados por Ele! Nada retermos de nós mesmos para que Ele que dá a si mesmo totalmente a nós possa receber-nos totalmente (Carta a toda Ordem 28-29)

Que outra resposta podemos dar?

A Irmã Violeta Grennan, MFIC é das Irmãs Missionárias Franciscanas e seu ministério atual é a Direção da Conferência Religiosa para a Formação em Maryland, nos Estados Unidos. A Irmã Grennan está envolvida com a formação inicial e na formação contínua da vida nos Estados Unidos e internacionalmente desde 1982

TRTRABALHOS CITADOS

Regra e Vida dos Irmãos e das Irmãs da terceira Ordem Regular de S. Francisco. Federação Franciscana- 1982; Edição comentada, 1983, PP.29-31.

Chinnici, Joseph P, OFM “Mais e Maiores Coisas” Notas de interpretação dos Votos da Perspectiva da Vida Evangélica “Estudos Franciscanos 64.” (2006): PP. 507-537

Schneiders, Sandra M. Encontrando o Tesouro: Localizando A Vida religiosa Católica num Novo Contexto Eclesial e Cultural. Volume um. New York- Paulist. Press, 2000. Segunda Parte. “Vida religiosa como Realidade Teológica na Igreja: Celibato Consagrado e a Vocação a Profecia” PP.123-137. (FT)

Selling All: Comprometimento celibato Consagrado, e Comunidade em Vida Religiosa Católica. Vol.2. New York/ Mahwah, N.J. 2001. Segunda Parte, “Celibato Consagrado” PP.117-274.(SA)

A virgindade consagrada numa sociedade e cultura oriental em contínua transformação: quais são os desafios para nós religiosos (as)

Sr. Monica Kim

Introdução

Sinto que é importante e útil começar minha reflexão sobre o tema, que me foi proposto, conectando a História da Igreja da Coréia, presente desde 1784 e com o início da Vida Religiosa que surgiu no final de 1800, quando obtivemos a paz religiosa para todos.

A Vida religiosa na Coréia foi deste logo, apresentada como um sinal e valor escatológico, anúncio e antecipação dos bens do céu. Eram vistos como Cristãos que abandonavam tudo por causa do Reino dos Céus, escolhendo a vida religiosa, já obtendo 100 por um neste mundo (MT. 10,19-30) e a espera com uma esperança viva pelo encontro definitivo com o Senhor. A Vida Religiosa torna seus membros mais livres das tentações deste mundo e expressa, de uma maneira evidente, a opção fundamental pelo Reino. Além disto, é testemunha da vida nova que Cristo nos deu.

Inicialmente o Evangelho entrou na Coréia através de Coreanos que vieram de Peking, e não

por missionários, como geralmente aconteceu em outras nações. A Igreja da Coréia conheceu o martírio desde o início, quando em 1784 os Coreanos começaram a ser batizados.

O magistério da Igreja imediatamente encontrou uma forte reação por parte do governo, porque isto contrariava a doutrina do confucionismo, que naquela época dominava toda a sociedade coreana. Ela encontrou grande dificuldade por causa de suas opções e de seu tipo de culto aos ancestrais. Assim, muito em breve muitos coreanos foram martirizados, e depois disto a Igreja da Coréia cresceu muito rapidamente.

Já no ano de 1950 os católicos eram cento e cinquenta mil e em 1981 um milhão e meio. E nesta mesma proporção, durante aqueles, anos as vocações sacerdotais e religiosas também cresceram. As razões disto poderão ser muitas: A insegurança política existente, a crise das religiões tradicionais, tais como o Budismo, confucionismo e chamanismo animista. A imagem positiva apresentada pela Igreja e o testemunho dos religiosos e das religiosas que se tornaram possuídos de certa forma de violência e com testemunhos radicais no início, pelo seguimento de Jesus pobre, casto e obediente, se tornou um ponto de esperança para o povo da Coréia.

Hoje a Igreja na Ásia é chamada a encarar o maior desafio da evangelização, da inculturação do cristianismo, do diálogo inter-religioso e ecumênico. Neste mosaico, perante os problemas na Igreja da Coréia, a Vida Religiosa merece uma atenção especial por causa de algumas características que a distinguem.

Com o Catolicismo e sua atenção à pessoa, o movimento pela libertação das mulheres para ajudá-las a reconhecerem sua dignidade se afirmou. Mas ainda há mais a ser feito neste campo e esta é uma jornada longa e cansativa.

Na sociedade da Coréia, as mulheres são reservadas e respeitadas com seu corpo. No passado a virgindade era um valor muito bem guardado e protegido pelas mulheres e elas estavam prontas a morrer antes de perderem este valor. Ao lado disto havia também a tradição que todas as mulheres deviam ter o corpo bem escondido sob as vestes, mais do que usá-las como autodefesa para salvar sua dignidade.

O estilo de vida na Coréia, na sociedade das últimas décadas mudou muitíssimo. O progresso econômico, a industrialização, a urbanização, o consumismo, o individualismo e o excessivo uso da mídia de massa conduziram à decadência dos

valores tradicionais, trazendo a todos um estilo de vida mais secularizado.

Numa sociedade onde continuamente subjaz a transformação, a vida religiosa não está excetuada dos riscos acima descritos. Os religiosos, mulheres e homens, às vezes, em vez de serem sal e luz para seu povo, sentem os efeitos da secularização, tanto que parece terem dificuldade de encontrarem seu lugar próprio e definir sua identidade. Eles vivem o celibato com maior dificuldade do que no passado. A exaltação ou glorificação do amor egocêntrico que tem por objetivo, somente o prazer e a exploração da pessoa são aspectos que tornam a escolha de um amor generoso e sacrificial mais difícil, em se tratando da vida toda.

A cultura contemporânea dominante que considera a sexualidade como um valor absoluto e que não pode aceitar qualquer tipo de regra, se torna uma provocação para a virgindade total e definitiva. Esta somente poderá ser salva à luz da verdade e da misericórdia. O dom da auto-compreensão vivenciado em relacionamento com o outro, e não menos, a capacidade autêntica da amar e de ser fecundo, bem como a relação de nupcialidade com Jesus Cristo pode conduzir ao mesmo amor humano e sua beleza, ao respeito por si mesmo, ao próprio corpo para a vida.

Ao encarar as perdas dos valores tradicionais, tais como o senso de pertença à família, respeito aos mais velhos, abertura e integridade moral, a Associação dos Superiores e Superiores maiores propuseram uma pesquisa com todos os religiosos e religiosas para o conhecimento da situação. Alguns obstáculos, que podem prevenir os religiosos e religiosas na fidelidade à vivência do voto de castidade, foram encontrados. Se por um lado os religiosos e religiosas sabem que somente se pode viver com alegria o relacionamento com amor de oblação, que é livre e maduro é graça somente do Senhor. Por outro lado eles encontram incoerências nas escolhas entre a vida ideal e a real. Outro problema que leva à diminuição das vocações religiosas é a influência da cultura de somente um único filho. Este costume vem especialmente da China.

A decadência da família, o grande ativismo, cuidado excessivo ou preocupação com a saúde a corrida para o estudo para a própria satisfação, traz uma crise, sobretudo entre as Irmãs com idade mediana que não tem a habilidade de aceitar a solidão e o risco, vivendo sem esperança e sem alegria. O relacionamento virtual (TV, Internet) pode ser um impedimento para um relacionamento verdadeiro com Deus, com a

fraternidade e com outros, especialmente para as Irmãs mais jovens.

A virgindade consagrada pode ser percebida como constrangimento e conduzir à uma certa proximidade consigo mesmo e a viver em tristeza, se Deus não for o centro de nosso ser inteiro e de todo o nosso agir.

Sinais de vitalidade na vida consagrada

Apesar dos muitos desafios que os religiosos e as religiosas enfrentam, hoje, em relação aos cuidados do passado, há sinais de vitalidade presente na Vida religiosa da Coréia. Nestes últimos Anos o conhecimento da necessidade urgente de formação contínua ou permanente é muito forte, entendida como uma forma de rever ao essencial, como um retorno às fontes, para o primeiro amor para que se torne uma paixão, isto é, uma busca pessoal de Deus à luz de sua palavra. Formação permanente ou contínua sempre ajudaram na formação da maturidade, das comunidades fraternas e da vida evangélica através da capacitação de responder aos desafios da nova cultura, protegendo-se dos mitos falsos ou deuses, tais como o ativismo exagerado que desvia a pessoa do que é essencial e fazendo esquecer que o trabalho que realizamos é o trabalho de Deus e não o nosso.

Durante estes anos dentre os diversos movimentos religiosos presentes na Coréa novos grupos que trabalham em favor da promoção das mulheres, se formaram Além disto, nos institutos, um vocabulário que ajudará a partilhar a concepção de sexualidade e também de castidade - sem considerá-la um tabu – está crescendo e se desenvolvendo de um modo mais sincero e aberto.

Nesta esfera há sempre mais pessoas que estão preparadas e que acompanham e assistem os religiosos e religiosas a caminho de viver e escolher o celibato livremente, ajudando-os a se comprometerem e a viver a dimensão da sexualidade de um modo saudável e equilibrado. A virgindade consagrada livremente escolhida é um sinal do Reino. É o anúncio da pureza do mundo que virá quando tudo acabar.

A Virgindade é uma dádiva no serviço da Fraternidade.

Como Irmã Franciscana, eu gostaria de concluir minha reflexão, ligando a virtude e o voto de castidade no contexto da vida fraterna. Esta virtude nos conduz a sermos atentas ao lidar com nosso mundo relacional. Ela nos recorda sobre a importância de educar nosso coração com relação aos outros. Nossa sociedade atual nos convida a desafiar o individualismo, intensificando nossos encontros e relacionamentos. Por esta razão é

fundamental ter uma vigilante atenção sobre o nosso mundo interior bem como, a estar atentas ao que nossos olhos vêem. Por exemplo, o uso da mídia de massa, porquanto esta é a porta através da qual permitimos ao mundo a entrar em nós.

S. Francisco, na Regra não bulada, no capítulo IX afirma que a castidade é um amor que é vivido acima de tudo, na fraternidade. “É na confiança que se manifesta aos outros as próprias necessidades, para que o outro ou a outra encontre as coisas que são necessárias e possam dá-las a quem necessita. E cada um e cada uma amam e nutrem seu irmão como a mãe ama e nutre seu próprio filho, com as coisas através das quais Deus lhe dará sua graça.” (FF32)

A fraternidade é o lugar onde o amor fraterno cresce e é experienciado. A fraternidade é o lugar no qual o amor é vivido concretamente na vida e nos relacionamentos. O amor de S. Francisco é um amor universal, que vem de Deus, amado acima de todas as coisas e alcança primeiramente a fraternidade e depois cada ser humano, ao ponto de se estender a todas as criaturas que vivem no mundo inteiro. Para Francisco não há limites para este amor.

Ir. Mônica Kim (Myong OK)
Irmãs Franciscanas Missionárias de Assis

A Irmã Mônica Kim, é membro da Província “Santi Martiri Coreani” da Coréia e era Mestra de Noviças por quatro anos. Atualmente está na Itália para continuar seus estudos teológicos.

Como compreender o voto de castidade na cultura Africana e como entendê-lo como desafio para os e as jovens de modo a tornarem-se uma presença inquietante no mundo atual.

Ir. Basil Nzimande FSF

Introdução

O termo “Voto de Castidade” é expresso através de diferentes modos, por diversos autores. São eles: “Voto de castidade Consagrada”, “Castidade celibatária”, “Celibato Consagrado” e “Castidade Religiosa.” Nesta apresentação os termos acima serão usados, com o mesmo significado.

Celibato Consagrado, escolhido e vivenciado no contexto da Fé Cristã, terá sentido como valor evangélico. O Sínodo pós-africano de 1994 ponderou sobre o celibato consagrado, como sendo o único voto constante em todas as formas de vida religiosa através da História. A castidade é para todos os cristãos, mas somente alguns são chamados a viver a castidade celibatária.¹

O celibato recebe muita atenção em tempos atuais, escreve Podimattan em seu livro “Castidade Consagrada” revisado em 2006. É ora afirmado e ora denunciado. É louvado e denegrido, tanto na imprensa secular quanto na religiosa.²

Nesta apresentação far-se-á uma tentativa

de olhar o voto de castidade e sua compreensão num contexto Africano. Serão levantados alguns sinais que renderão certo insight de esperança na vivência deste voto em nosso mundo, de modo a tornar-se uma presença inquietante.

Tornou-se visível que, mesmo hoje, sempre que algumas pessoas abraçam a castidade religiosa, o mundo fica inquieto. Não é o que aconteceu quando S. Francisco e Santa Clara abraçaram a castidade Consagrada e, além desta, a Pobreza e a obediência. E Francisco chamou esta vida, de “vida de penitência.” Na verdade era uma vida radical. O Bispo de Assis, Monsenhor Domenico Sorrentino, em sua homilia de abertura do ritual durante a Assembléia Geral da CFI-TOR em 2009, deixou claro: O radicalismo da vida de S. Francisco não pode ser entendido se não partirmos deste princípio: “Cristo era tudo para S. Francisco e Santa Clara.” Francisco escolheu tornar-se uma presença inquietante porque ele escolheu Cristo.³

S. Francisco e S. Clara cresceram e viveram numa cultura diferente e numa visão de mundo diversa, mas eles seguiram radicalmente o Evangelho. Isto nos encoraja a olhar para nossas próprias culturas, hoje, com um olhar para novas formas de viver a vida religiosa de um modo radical no século XXI.

O foco desta apresentação será uma perspectiva Africana e uma referência a outros

autores que viveram e trabalharam na África e alguns deles nasceram em solo africano.

1.Perspectiva africana e castidade consagrada

Alyward Shorter em seu livro “Celibato e Cultura Africana” em 2003 apontou que: “Não há cultura humana no mundo na qual o celibato seja uma norma”. Esta é uma verdade sobre as demais culturas da tradição africana como é o “mundo do oeste moderno...”⁴ Uma vez que o celibato consagrado exclui o matrimônio e a geração de filhos, qual é a visão africana do casamento e da procriação?

1.1 Na África o casamento é o valor mais central e a procriação que é importante pela transmissão da vida e a preservação do nome de um clã. Por esta razão os meninos são preferidos às meninas porque elas poderão casar e acabar pertencendo a outro clã. Enquanto que o menino dará o nome ao clã. “Espera-se de um homem ou de uma mulher que tragam vida, que gerem filhos biologicamente. Se nasce uma mulher, ela não é bem aceita por seu próprio povo real. Algumas sofrem conseqüências por causa disto. Mulheres são humilhadas quando o casamento não gera filhos.”

⁵ Por causa disto, na sociedade africana a instituição social do casamento e da família

sempre se posicionarão em favor da promoção e procriação dos filhos.

Outro valor que era e ainda é parte da estrutura social na África é a Poligamia. Em algumas outras partes da África um homem pode ter mais de uma mulher e multiplicar affaires amorosos com as mulheres. A mulher foi unida a um marido, e somente ele tinha acesso sexual com ela. Um homem, contudo, podia ter legítimo acesso a mais de uma mulher num casamento poligâmico... Um homem poderá até mesmo justificar a atividade sexual extra-marital como preparação para adquirir outra mulher.⁶

Á luz do acima descrito fica claro que o celibato consagrado e a castidade não estão alinhados com a tradição do pensamento africano.

Irmã Caroline Chiogou levantou alguns pontos que, na visão de Kiazuki sobre a vida consagrada no Bantu africano, em 2007 diz: “Do ponto de vista dos três votos, o celibato, para seguir o Reino de Deus, é aquele que profundamente conecta as vidas das pessoas consagradas com o Senhor. Contudo, é também aquele que coloca maiores problemas para nossas famílias e para nosso povo.”⁷

Novamente Paolo Archiati, também baseado em Kiazuki fala... que, o voto de

castidade... representa a escolha que muitas vezes é difícil de entender.⁸

O conceito de castidade celibatária é anticultural a muitos valores centrais na África. Entretanto, a prática da abstinência sexual e a virgindade, na África, são conhecidas, mas não como valor, senão, como um ato temporário que pode ser exercitado por um tempo, em caso de certos rituais.

1.2 Virgindade e visão da vida Africana - No Bantu africano a filosofia da fertilidade materna é vista como “um precioso dom de Deus que os ancestrais ofereceram às mulheres africanas e a seu povo. É um sinal da bênção divina, um sinal da presença dos ancestrais e a segurança da sobrevivência do clã.” Somente através da procriação o indivíduo se torna uma pessoa.”⁹ Alguns autores como: Marie levantou posições fundamentadas em Kiazuki a questões como a virgindade. A questão é, se a virgindade poderá existir (é um valor) numa cultura que é tão orgulhosa pela fertilidade material.¹⁰

Matungulu Otene, em kiazuki levantou outra questão: Ele insiste que no mundo Bantu a vida em continência era rigorosamente praticada em certos momentos da vida. Era uma questão de continência periódica. Pessoas mais idosas entenderam que através da continência eles podiam possuir a força vital, uma fonte de

vida e de crescimento humano. Mesmo hoje a continência é praticada com o objetivo de salvar e fortalecer a vida, que vem de Deus e dos ancestrais. Esta continência periódica é praticada fora do amor, em favor da vida e não pelo próprio desejo. Por esta causa a continência periódica não é um celibato vitalício.”¹¹

A virgindade existe na tradição de muitas tribos africanas: Virgindade pré-marital é valorizada por muitas tribos africanas ainda que, nem todos concordem com os mesmos valores. Nos ritos de iniciação do culto de certas divindades, os adeptos precisam observar muitos tabus, entre eles, a abstinência de relações sexuais.¹²

Otene, baseado em Kiazuki diz que a observância da continência e a prática da mesma, por si só, não conduz ao celibato proposto pelo Evangelho. Ele ágüe que nenhum povo no mundo vive o celibato do ponto de partida proposto pelo Novo Testamento.”¹³

Rabemahafaly encontra em Kiazuki a defesa de que a prática do celibato vitalício era algo novo.

Nunca se ouviu falar sobre isto entre as culturas africanas. “Escolhendo permanecer celibatária pela vida toda, era algo estranho, se não completamente alienado da cultura africana.”¹⁴

Irmã Caroline Chiogou suporta este parecer de Rabemahafaly, relatando sua experiência de primeira mão, de que “os Africanos e as africanas não são considerados verdadeiramente adultos e” pessoas” até que tenham trazido vida nova para o mundo.” Ela diz que algumas mães africanas complicam. Por esta forte razão, em algumas famílias, a Irmã religiosa é rejeitada e insultada. Recordo as reclamações de uma mãe que pediu á filha que deixasse a vida religiosa. Quando a filha decidiu perseverar, a mãe a rejeitou. Outra mulher pediu à filha que ao menos deixasse um filho no mundo, antes de se consagrar. Uma jovem que entrou na vida religiosa foi tratada como criminosa por um amigo.¹⁵

Qual é a possibilidade de inculturar o celibato consagrado face a estes fatos e muitos outros? Rabemahafaly levantou em escritos de Kiazuki, a possibilidade de inculturar o celibato consagrado. Mas isto parece limitado, se não literalmente impossível.¹⁶

Contudo, Otene novamente em kiazuki, encontra razões que reconhecem o dilema e os desafios, mas diz que não concorda com o ceticismo negativo de alguns quadrantes de que “o celibato seja mais difícil para jovens africanos e africanas, do que para jovens europeus e européias.”¹⁷

Ele continua afirmando que, para ele “o Celibato está enraizado na Fé, no Cristo vivo; é um

elemento que pervade a fé daquele que sente ser chamado.

2.Inculturação do celibato consagrado / castidade na África

Quando a vida religiosa foi introduzida na região do sub- Sahara africano no século XIX foi difícil discernir o que pertence à teologia dos votos como interpretados pelas Sagradas Escrituras e o que pertence à cultura do oeste e à tradição porque ambas foram dadas á África sem distinção. Contudo os africanos entusiasticamente aceitam esta bagagem. Ela colocou grandes desafios aos valores africanos e ao estilo de vida dos africanos. Ir. Anne Wasike ressalta a necessidade de inculturar a vida religiosa na África de hoje.

2.1 Até este ponto ficou claro que o celibato como valor Bíblico continua anticultural na África. Kiazuki em suas reflexões levanta questões relevantes: “Como pode alguém ansiar por frutificação na vivência do celibato Consagrado na África? Ou como pode alguém expressar positivamente no contexto africano onde a fertilidade é altamente valorizada e onde a mulher não é plena a não ser como mulher e mãe? Como e de que forma a castidade poderá tornar-se uma fonte de plenificação e frutificação pela busca do Reino do Céu, e não uma frustrante privação? ¹⁸A África e seus

valores e tradições foram fortemente influenciadas pela globalização no mundo moderno. Mobilidade, pobreza, urbanização e buscando refúgio em outros países afetaram adversamente o modo de vida na África.

Gravidez na adolescência, prostituição e aborto estão se tornando parte da vida de nossa juventude em cidades e áreas rurais. Os valores africanos como a família e o casamento estão ameaçados.

“O desafio da inculturação na África consiste em garantir que os seguidores de Cristo assimilarão a mensagem do evangelho sempre com maior plenitude. Enquanto permanecerem fiéis a todos os valores autênticos da África.”
19

“A Vida Religiosa na África deveria tentar adotar as tradições e valores que ajudarão aos jovens religiosos a apreciar sua herança africana.”
20

Para prover fundações firmes a uma inculturação autêntica é importante, por esta razão, que sejam instaurados centros de pesquisa para ver como o religioso autêntico ou a religiosa autêntica e os valores humanos podem contribuir para uma forma de vida religiosa, genuinamente africana.²¹

3.Ao encontro da compreensão e aceitação da castidade consagrada como valor na África

3.1 As questões subjacentes, até aqui, mostram que a Castidade consagrada é tão anticultural ao jeito africano de viver, como explicar que muitos jovens africanos e muitas jovens africanas, ainda se sentem atraídos a este chamado, mesmo hoje?

Lumbala, baseado em Kiazuki diz: “mesmo que todos os costumes relacionados à certa continência e virgindade existam, eles não podem ser comparados à Virgindade da Vida Religiosa, contudo eles nos ajudam a compreender como a castidade dos religiosos e das religiosas deverá ser compreendida e aceita pelo povo Bantu”²²

Outro aspecto previsto por Archiati, levantado por Kiazuki é muito relevante como ponto de partida para compreender o celibato consagrado pelos africanos: “A renúncia ao prazer da paternidade ou da maternidade física, a ser vista como valor, o que implica alguém fazer esta renúncia, deverá ser algo maior, algo mais importante, mas a beleza deste” algo maior” nem sempre está clara.”²³ Para Francisco e Clara Deus era alguém grande e belo que valia a pena honrar a todo custo.

Renunciar a tudo por este algo maior é um valor que se pode aspirar e Francisco e Clara o assumiram com radicalidade. Com esta abordagem à nossa juventude, uma mensagem pode vir contrariamente ao nosso povo na África se olharmos para Francisco e Clara que se tornaram uma presença inquietante através dos séculos.

E Mveng baseado em Kiazuki também acredita que “a castidade Consagrada está presente como um valor na tradição africana, sua proposta é ser respondida a certas necessidades do clã ou tribo.”²⁴

“A abstinência sexual é de grande valor também na visão africana. Por exemplo... quando os ancestrais ou o divino se aproxima, de formas especiais, as pessoas renunciam ao contato sexual, de modo que possam aproximar-se do mundo espiritual vazio de poder sexual. Sempre que o mundo espiritual precisa mediar de um modo especial, as pessoas renunciam ao sexo físico. Os curandeiros também vivem de uma forma mais acética do que outros e tem somente uma única mulher. Portanto, na África há um profundo respeito pela sexualidade e pela abstinência sexual.”²⁵

Não é necessário dizer que neste caso temos uma razão sobre a qual construir uma compreensão melhor para a castidade consagrada.

Por mais que nós africanos gostamos de permanecer fiéis aos nossos autênticos valores africanos, quando se trata do celibato Consagrado, valores anti-culturais do Evangelho, parece que somos desafiados a viver constantemente este voto fielmente no meio de nosso povo. Abrir caminhos através deste emaranhado, de modo que nosso povo possa, gradualmente, compreender a vida de Castidade celibatária e o que isto implica. Em nossa Congregação, ser alguém da localidade, quando fundada em 1922, era um desafio. Muitas jovens sofreram por abraçar a castidade religiosa porque elas eram uma presença inquietante no meio de seu próprio povo. Elas permaneceram fiéis a Cristo que elas acreditavam que as chamara.

S. Francisco e Santa Clara nasceram no século da Revolução Comercial. Eles se tornaram uma presença inquietante no meio de seu próprio povo. Viveram os valores do Evangelho que mudaram a vida de muitos, apesar de alguns jeitos culturais e tradicionais do estilo de vida de seu próprio povo. Santa Clara recusou-se a casar e optou pela Castidade celibatária. S. Francisco renunciou às riquezas e abraçou a pobreza de Cristo. Para S. Francisco, “a vida de acordo com o Santo Evangelho é Jesus Cristo.”²⁶

O Sínodo da Vida Consagrada enfatizou as necessidades de inculturar a vida religiosa em

qualquer contexto cultural de modo que a pessoa religiosa possa discernir os reais valores da sua cultura e o melhor modo de aceitar estes valores, aperfeiçoando-os com a ajuda do próprio carisma.²⁷

Como mulheres e homens religiosos e religiosas somos desafiadas e desafiados por nossas vidas, por novos modelos culturais de sermos Cristãos e cristãs. E religiosos e religiosas em nossos contextos culturais. E o elemento intrínseco da vocação religiosa é o celibato consagrado.

Os santos que viveram a castidade religiosa no passado abriram novos caminhos ao povo de suas gerações e propuseram novos modelos culturais. Como S. Francisco e Santa Clara, que eram inovadores e se tornaram uma presença inquietante.

4. Conclusão

Como conclusão: Pode se entender que a Castidade consagrada como valor do Evangelho é anticultural e clama por estudos das culturas e pesquisa a ser feita de modo a compreender melhor este voto. Isto supõe o desafio de rever a teologia da Vida religiosa, a teologia moral e a integração delas com outros estudos como o da Sexualidade, como esta está sendo estudada e entendida melhor do que os escritos antigos oferecem para este objeto.

Na África há um desafio novo: pesquisar e estudar a Filosofia e a Teologia africana para iluminar a teoria e a vivência da Vida Religiosa, em nosso tempo.

A Ir. Basil Nzimande FSF é membro das Filhas de S. Francisco de Assis, uma congregação diocesana na África do Sul, fundada em 1922. Ela ministra a Congregação como diretora Geral em seu segundo termo.

¹ The African Synod, Post-Synodal Special Assembly – a step forward, Pauline Publications, Tangaza, Kenya, 1995, pp 9 -63.

² PODIMATTAM FELIX, Consecrated Chastity Revisited, Media House, DELHI, 2006.

³ PROPOSITUM Becoming a disturbing Presence in Today's world: Christ through Francis, Clare and ME, General Assembly, 2009, Italia, 16-22 May 2009, Vol. 12. No.1 Sept. 2009.

⁴ SHORTER ALYWARD, Celibacy and African Culture, Pauline Publications, Nairobi, Kenya 1998, pp 16 –

⁵ See SHORTER ALYWARD, above

⁶ same as above

⁷ KIAZUKI VINCENTE CARLOS, Consecrated Life in Bantu Africa, Pauline, Publications Africa, Nairobi, Kenya, 2007, pp 149 153.

⁸ See KIAZUKI as above

⁹ See KIAZUKI as above

¹⁰ See KIAZUKI as above

¹¹ See KIAZUKI as above

¹² See KIAZUKI as above

¹³ See KIAZUKI as above

¹⁴ See KIAZUKI as above

¹⁵ See KIAZUKI as above

¹⁶ See KIAZUKI as above

¹⁷ See KIAZUKI as above

¹⁸ See KIAZUKI as above

¹⁹ BAUR JOHN, 2000 years of Christianity in Africa: an African Church History, Pauline Publications, 2nd Edition, Limuru, Kenya, 2009.

²⁰ See The African Synod, same as above

²¹ See KIAZUKI, as above

²² See KIAZUKI, as above

²³ See KIAZUKI, as above

²⁴ See KIAZUKI, as above

²⁵ See KIAZUKI, as above

²⁶ HORGAN THADDEUS, *The CORD, A Franciscan Spiritual Review*,
Vol. 32 . no.9, October 1982

²⁷ WASIKE ANNA NASIMIYU, *Enculturation and Millennium Trends in
Consecrated Life*, unpublished work, Kenya.